

MARINA FIORATO

A VIRGEM DAS AMÊNDOAS

Tradução de Isabel Alves



PORTO EDITORA

Capítulo 1

A Última Batalha

Não adianta dizer-vos o meu nome porque estou às portas da morte.

Deixem-me antes dizer-vos o dela: Simonetta di Saronno. Aos meus ouvidos, sempre soou como uma assombrosa sequência de acordes musicais ou um verso de poesia. Possui uma agradável cadência e os pés das palavras ao marchar têm uma perfeição quase igual ao seu semblante.

Provavelmente, devia dizer-vos a data da minha morte. É dia vinte e quatro de Fevereiro, do ano do Senhor de 1525, e eu estou deitado de costas num campo, nos arredores de Pavia, na Lombardia.

Já não consigo virar a cabeça mas apenas mover os olhos. A neve cai-me nas órbitas quentes e derrete de imediato – pestanejo para sacudir a água como se fosse lágrimas. Através dos flocos que caem e dos soldados exaltados, vejo Gregorio – excelentíssimo escudeiro! – ainda a combater. Ao virar-se para mim, vejo o medo nos seus olhos – devo estar uma lástima. A sua boca forma o meu nome mas nada ouço. Enquanto a batalha se trava encarniçadamente à minha volta, apenas ouço o sangue a pulsar-me nos ouvidos. Não consigo sequer perceber o estrépito das novas e malignas armas a manifestar-se porque a que me vitimou ensurdeceu-me com a sua voz. O adversário de Gregorio exige a sua

atenção – não há tempo para se compadecer de mim, se quer salvar a pele, apesar do muito que me amou. Desfere golpes com a espada da esquerda para a direita, com mais vigor do que arte e, contudo, continua de pé ao passo que eu, seu senhor, não. Desejo que ele viva para ver um novo dia – talvez diga à minha amada que tive uma boa morte. Continua a usar as minhas cores, mas estão ensanguentadas e quase lhe foram rasgadas das costas. Olho atentamente para o escudo azul e prateado – três ovais de prata sobre um fundo azul-celeste. Agrada-me pensar que os meus antepassados quiseram representar amêndoas com as ovais quando registaram as nossas armas nas cartas. Quero que sejam as últimas coisas que vejo. Quando tiver contado as três, fecho os meus olhos para sempre.

Mas ainda tenho sensações. Não me julguem já morto. Mexo a mão direita e tacteio à procura da espada do meu pai. Continua onde caiu e agarro no punho – bem usado da batalha e habituado à minha empunhadura. Como podia eu saber que esta espada não teria para mim mais utilidade do que uma pena? Tudo mudou. Esta é a última batalha. Os velhos costumes estão tão mortos como eu. E, porém, continua a ser apropriado que um soldado morra com a espada na mão.

Agora estou pronto. Mas o meu espírito move-se da minha mão para ela – as suas mãos são a sua grande beleza, apenas excedidas pelo seu rosto. São longas e brancas, belas e estranhas, pois os seus dedos indicadores e anelares são do mesmo comprimento. O seu contacto era fresco na minha fronte e a minha memória coloca-as aí agora. Ainda há doze meses aí repousaram, arrefecendo a minha testa quando adoeci com febre biliosa. Ela afagou-me a fronte e beijou-a, os seus lábios frescos na minha carne ardente; frescos como a neve que a beija agora. Abro os lábios para poder saborear o beijo e a neve cai-me na boca, refrescando os meus derradeiros momentos. E então recordo que ela tinha pegado num limão, o tinha cortado ao meio e espremera o seu sumo na minha boca para me curar. Era amargo mas o seu amor, prodigalizado em cuidados, adoçava-o. Sabia a

metal, como o aço da minha lâmina quando a beijei ainda esta manhã, ao conduzir os meus homens para a batalha. Saboreio-o agora. Mas sei que não é o sumo de um limão. É sangue. A minha boca enche-se dele. É o fim. Deixai-me pronunciar o nome dela pela última vez.

Simonetta di Saronno.

Capítulo 2

A Espada e o Arcabuz

Simonetta di Saronno estava sentada à janela dos seus aposentos, o alto caixilho quadrado transformando-a num anjo do retábulo. Os habitantes de Saronno comentavam frequentemente o facto; todos os dias, ela estava ali, contemplando a estrada em baixo com olhos vidrados. A Villa Castello, essa casa cúbica e elegante, erguia-se em solitária majestade a uma curta distância da vila – como dizia o ditado: «*una passeggiata lunga, ma una calvalcata corta*», «uma longa caminhada, mas uma cavalgada curta». Estava situada onde a planície lombarda começava a subir em direcção às montanhas; apenas a inclinação suficiente para dotar a casa de uma vista elevada sobre o pequeno burgo e para os seus habitantes verem a casa do largo. Com reboco que possuía o tom corado de uma lagosta, elegantes pórticos brancos e belas e grandes janelas, a casa era muito admirada e podia ter sido alvo de inveja, se não fosse o facto de o portão alto estar sempre aberto aos visitantes. Os comerciantes e demandantes que calcorreavam o longo e sinuoso caminho até à porta, através dos luxuriantes jardins e parques, podiam sempre contar com a atenção dos criados – um sinal, todos concordavam, de um suserano e suserana generosos. Com efeito, a *villa* simbolizava os próprios di Saronno; suficientemente próxima do burgo e das suas obrigações feudais, mas suficientemente distante para estar isolada.

A janela de Simonetta era visível da estrada para Como, onde o caminho de terra batida serpenteava até às montanhas nevadas e

aos lagos espelhados. Os provedores de virtualhas e os mercadores, os vendedores ambulantes e os aguadeiros, todos viam a senhora à janela, dia após dia, enquanto andavam nos seus afãs. Antes, talvez tivessem trocado chalaças sobre o assunto mas, nos dias presentes, não havia motivo para rir. Eram muitos os que, dentre eles, haviam partido para a guerra e jamais regressado. Guerras que pouco diziam respeito ao seu estado da Lombardia, mas que eram ditadas por desígnios mais altos e homens importantes com motivos ignóbeis – o Papa, o rei francês e o ganancioso imperador. A sua pequena e próspera vila cor de açafão de Saronno, situada entre as glórias municipais de Milão e o esplendor prateado das montanhas, fora flagelada e massacrada pelo conflito. As botas dos soldados haviam riscado as lajes macias da *piazza* e os estribos de aço haviam arrancado pedaços às pedras quentes das esquinas das casas, à passagem da cavalaria de França e do Império, num torvelinho de equívoca virtude. Assim, os bons burgueses de Saronno sabiam do que Simonetta estava à espera; e, apesar de ser uma grande senhora, condoíam-se dela pelos sentimentos que partilhava com todas as mães, esposas e filhas da localidade. Todos notaram que, mesmo quando chegou o dia que ela temera, continuou sentada à janela, dia e noite, com esperança de que *ele* regressasse a casa.

A viúva da Villa Castello, pois era esse agora o seu estatuto, era muito falada no largo do burgo. As antigas pedras douradas de Saronno, com a sua estrela de ruas irradiando da *piazza* da igreja do Santuário, ouviam tudo o que os seus habitantes tinham a dizer. Falavam do dia em que Gregorio di Puglia, o escudeiro de Dom Lorenzo, cambaleara, ensanguentado e exausto, pela estrada até à *villa*. As amendoeiras que ladeavam o caminho agitavam-se à sua passagem, as folhas prateadas sussurrando que conheciam a terrível notícia que ele levava. A senhora havia finalmente deixado a sua janela, uma única vez, e reaparecido à entrada da *loggia*. Os seus olhos esforçaram-se, desejando que a figura fosse o senhor e não o escudeiro. Quando distinguiu o andar e a estatura de Gregorio, as lágrimas começaram a cair e, quando ele se aproximou e ela viu a espada que ele transportava, caiu inerte no chão. Toda

esta cena fora presenciada por Luca, filho de Luca, o ajudante de jardineiro da *villa*, e o rapaz, única testemunha de tal momento, gozara de dois dias de celebridade no burgo. Falou, como se fosse um pregador errante, a um pequeno grupo de habitantes, reunidos à sombra do campanário da igreja para se abrigarem do calor tórrido e ouvirem as novidades. O grupo ia-se deslocando com a sombra e decorrera uma boa hora quando o interesse e a especulação terminaram. Conversaram durante tanto tempo sobre Simonetta que até o padre da igreja, uma criatura bondosa, se sentiu movido a abrir as portas, abanando a cabeça a Luca na fresca obscuridade. O ajudante de jardineiro apressou-se a acabar a narrativa, vendo as portas fecharem-se novamente, pois não queria omitir o aspecto mais fascinante e misterioso da tragédia: o escudeiro trouxera também consigo do campo de batalha uma outra coisa. Longa e metálica; não, uma espada não... Luca não sabia exactamente o que era. Sabia, sim, que a senhora e o escudeiro haviam passado duas horas juntos, a conferenciar ininterrupta e solenemente, depois de ela recobrar os sentidos; então, a senhora havia aparecido de novo à janela, para ali ficar, ao que parecia, até ao dia do Juízo Final. Um dia em que, todos rezaram, voltaria a reunir-se com o seu senhor.

Simonetta di Saronno interrogou-se se Deus existia. Esta ideia chocou-a mas, depois de se formar, era impossível repeli-la. Sentada, os olhos enxutos, o corpo rígido e tenso, olhava para as amendoeiras em baixo e para a estrada, enquanto o céu escurecia e as pedras sob as suas mãos esfriavam. A vila de Saronno estendia-se à sombra das montanhas longínquas, prateada à luz crepuscular como uma moeda caída. A sensação de isolamento que outrora acarinhava era agora absoluta: a casa distante era já a sua prisão, como uma donzela de outro tempo, encarcerada numa masmorra e sitiada por dragões, ou como uma noviça isolada na sua cela. Raffaella, a sua incansável criada, pôs-lhe uma macia capa de veiro pelos ombros, mas ela mal a sentiu e não registou o seu aconchego. Apenas sentia a dor alojada no peito, como se tivesse

engolido uma pedra. Não, uma amêndoa: porque, da primeira vez que lhe haviam dado a provar um dos frutos das árvores que o seu dote havia comprado, engolira-a inteira. Ficara noiva aos treze anos e Lorenzo, ele próprio com quinze anos apenas, dera-lhe uma amêndoa, como parte da cerimónia que tivera lugar no mesmo amendoal que ela agora contemplava dia e noite.

Haviam-se casado na igreja do Santuário de Santa Maria dei Miracoli, em Saronno. A bonita igreja branca, com o seu baptistério octogonal, fresco claustro rodeado de árvores e a nova e esguia torre projectando-se para o céu, nunca antes havia testemunhado tamanha pompa. O novo toque dos sinos repicou as novas por toda a planície – duas grandes famílias unidas enquanto o povo aclamava e festejava na *piazza* à sombra do campanário. E, mais tarde, a cerimónia mais pagã no amendoal, em que a noiva e o noivo, ambos meninos, usaram coroas de folhas de amendoeira prateadas e trocaram um dos frutos. A dádiva e consumo de números ímpares de amêndoas num casamento eram aparentemente uma tradição secular, para trazer boa sorte, boas colheitas e fertilidade. Mas a cerimónia vacilou quando Simonetta quase se engasgou ao tentar engolir uma amêndoa inteira. Lorenzo rira-se dela e a mãe dera-lhe água com vinho para empurrar o fruto. – A amêndoa é para mastigar, esmagar com os dentes! – exclamou ele afectuosamente. – Só então é que sentes a doçura. – Tinha razão, pois o gosto na sua boca tinha sido apenas o da madeira seca. Depois ele beijou-a, e outra doçura não desejava ela para sempre.

Recordava-se de a amêndoa ter ficado alojada na sua garganta durante toda a festa do casamento. A mãe, amiga de homilias e capaz de ver a mão de Deus em tudo, dissera-lhe gravemente que não se queixasse. – Deves lembrar-te desta lição, minha filha. Por vezes, é necessário partir as coisas para saborearmos os seus frutos como devem ser saboreados. Tens tido uma vida de conforto e boa fortuna, tens sido uma criança amada e abençoada com riquezas, beleza e um excelente casamento, mas nenhuma vida corre para sempre curso tão suave. Um dia sofrerás e é bom que recordes isto. Só então sentirás o pleno poder dos teus humores e da vida que Deus quis que vivesses; no sofrimento mas também na edificação.

Simonetta permaneceu em silêncio e bebeu mais vinho. Tinha consciência da obediência e respeito devidos à mãe mas, finalmente, a amêndoa desceu ao estômago e ela sentiu o calor da uva que a substituiu. Olhou de relance para o noivo e experimentou nova sensação de calor: uma excitação e um prazer agoniantes por estar casada com aquele jovem deus, por não faltar muito para a sua noite de núpcias... Ignorou as palavras da mãe. Tencionava ser perpetuamente feliz com Lorenzo e sabia que viveriam sempre sob bons auspícios. Além do mais, Simonetta julgava conhecer a origem do descontentamento da mãe – olhou para o pai, um pouco mais à frente. Atraente e rubicundo, o pai sempre adorara a filha, mas ela não era, de maneira alguma, a única jovem que ele adorava. Simonetta sabia que a mãe sofrera grandes mágoas com as aventuras amorosas do pai; criadas que se tornavam de súbito insolentes, moças vendedeiras de vinho que apareciam com demasiada frequência na casa. Simonetta sabia que não a esperava um futuro assim. Apertou a mão de Lorenzo e esqueceu o sermão da mãe.

Até agora.

Como podia ter imaginado que a sua vida seria destruída *assim*, que seria finalmente forçada a experimentar uma dor tão profunda pela morte do homem que a fizera tão feliz durante tanto tempo? Estava convencida de que teria sido capaz de sobreviver a tudo menos *aquilo*. Mesmo que Lorenzo tivesse olhado para outra mulher, o que jamais fizera, achava agora que teria aguentado a tortura da infidelidade. Estivesse ele ao menos ali, ainda real, ainda quente, para se rir e divertir-se com ela como sempre haviam feito. *Aquilo* que sentia, esse tumor intumesciente no peito, essa dor que a sufocava, também decerto a mataria. E seria uma bênção. Pousou as mãos na espada – na espada dele, que Gregorio trouxera para casa do campo de batalha. Voltou-se então para o outro objecto que Gregorio lhe levava. Era longo e ameaçador, constituído por um tubo metálico e punho de madeira, com um gancho de metal curvo projectando-se do lado. Mal conseguia levantá-lo, mesmo que tivesse forças.

– O que é? – A sua voz pouco mais foi que um sussurro. Gregorio estava à sua frente, torcendo o barrete nas mãos, os olhos vidrados.

– Chama-se arcabuz, senhora minha. É uma das novas armas. É como um canhão, mas um homem segura nela e dispara-a com um mosquete. – Apontou para uma mecha chamuscada no punho do objecto e para o gancho serpentiforme, montado no seu pivô metálico.

– Porque é que mo trouxeste? – A pergunta saiu embargada da sua garganta.

– Porque foi uma arma dessas que levou o meu senhor. Tive de vo-la trazer para vos mostrar que ele não teve qualquer hipótese. Conheceis o meu senhor. Era o melhor soldado que existia. O cavaleiro perfeito. Ninguém levava a melhor sobre ele no manejo da espada. Mas o espanhol, o marquês di Pescara, surpreendeu-nos com mais de mil e quinhentos atiradores. Vi fileiras inteiras de soldados de cavalaria franceses soçobrar sob o fogo dos arcabuzeiros. Os homens que não foram atingidos foram derrubados com a fuga dos cavalos. E o ruído! Era como se o próprio *Diavolo* tivesse caído entre nós para ganhar o dia. – Gregorio benzeu-se sobre o peito do seu tabardo esfarrapado.

Simonetta engoliu em seco. Não podia agora confiar na voz. Dispensou Gregorio com um aceno com a cabeça e levou as duas armas, a velha e a nova, para a janela para poder continuar a observar.

Idiota, pensou, subitamente zangada com Lorenzo. Pousou uma mão em cada arma, onde o frio aço de ambas lhe gelou os dedos. O passado e o futuro. Pois sim, o cavaleiro perfeito. Mas não adivinhaste o que te esperava, pois não? De que te serviu o teu código de cavalaria e as tuas regras de combate palacianas perante tais armas? Os teus costumes morreram e uma nova era despontou. Um mundo em que essas regras são palha. Simonetta não sabia se queria viver num mundo assim. Pensou, não pela primeira vez, se seria capaz de disparar o arcabuz contra si mesma e juntar-se a Lorenzo no Paraíso. Ou talvez pudesse enforcar-se no amendoal, como outra donzela abandonada há muito desaparecida. Mas sabia que era o maior de todos os pecados; o pecado do maior dos transgressores, Judas Iscariote. Simonetta fora criada pela mãe no escrupuloso respeito pela religião e recordava bem a

representação do Juízo Final no baptistério, em Pisa, onde em criança ia à missa. Todos os dias se sentava aí, ouvindo o padre entoar as conhecidas palavras em latim, observando os demónios negros a consumir os suicidas, roendo-lhes os membros e lambendo charcos de sangue com as suas línguas lascivas. Eram aterradores e excitantes e ela mexia-se no banco da família, sentindo as faces a arder cada vez mais, como se as chamas também a alcançassem, até a mãe a beliscar vigorosamente no braço.

Não – não podia pôr termo à própria vida. Mas a vida, tal como a conhecia, fora-lhe arrebatada.

Nunca imaginara que pudesse ser tão feliz no casamento. Vivera com Lorenzo, numa harmonia absoluta, na Villa Castello, recreando-se, caçando, viajando até cortes e festivais, bebendo o vinho dos seus vinhedos e comendo os frutos dos seus amendoais. Iam à missa uma vez por semana, em Santa Maria dei Miracoli, a igreja onde se tinham casado, mas viviam vidas mais terrenas nos prazeres do leito e da mesa. Não tiveram filhos, mas a plenitude do amor que os unia não os deixara sentir essa privação. Eram jovens – dispunham de todo o tempo do mundo. Quando a peste de 1523 levou as suas duas famílias, mal se aperceberam, vivendo e amando-se no seu sobranceiro castelo, a salvo do cerco da pestilência. As estações sucediam-se entre os seus risos – Lorenzo era um jovem espirituoso e educara a sua senhora no humor com que encarava a vida e todas as coisas irrisórias nela, até ela se tornar tão viva como ele. A vida de casada fez a figura de Simonetta desabrochar e ela perdeu as suas formas redondas de menina. Transformou-se numa beldade famosa, com o seu semblante angélico, o seu abundante cabelo ruivo e as suas mãos de pérola pálida. Estavam resguardados da indigência – as suas fortunas combinadas proporcionavam-lhes toda a felicidade e prazer. As paredes estavam cobertas de ricas tapeçarias, apadrinhavam os melhores artistas e músicos. A sua mesa gemia sob o peso das melhores carnes e pastelaria e as suas elegantes figuras envergavam peles e veludos dispendiosos. Os copiosos caracóis cor de cobre de Simonetta eram entrançados com colares de pérolas e enfeitados com pedrarias e fio de prata.

E então deflagraram as guerras – anos de turbulência e lutas entre os estados, Guelfos e Gibelinos. Milão, Veneza, Génova, os Estados Papais, todos se tornaram peças no jogo entre potências estrangeiras e nacionais. Lorenzo, treinado desde a nascença nas artes da guerra, conquistou a glória e não tardou a receber o comando. As suas missões levaram-no para paragens longínquas e, mais do que numa ocasião, a sua senhora celebrou as festas de São Miguel Arcanjo ou do Natal, com a sua grande cadeira talhada, à cabeceira da mesa vazia. Nessas alturas, Simonetta sentia-se profundamente abatida, mas concentrava-se nos prazeres do arco e do alaúde para se entreter. Por vezes, na ausência de Lorenzo, experimentava o desejo da companhia de um filho dele, para a ocupar, mas o desejo dissipava-se assim que ele galgava a cavalo a estrada por entre as amendoeiras e ela corria ao seu encontro. Ele esmagava-a contra a sua armadura e beijava-a apaixonadamente e, embora se refugiassem sem delongas no quarto, Simonetta já perdera a esperança em frutos da sua união.

Agora esses frutos jamais nasceriam. Desta última campanha, em que fora combater sob o comando do Maréchal Jacques de Lapalisse, Lorenzo jamais regressaria. Esse grande general francês estava morto, Lorenzo estava morto e agora, finalmente, ela sentia intensamente a que ponto um filho ou uma filha a teria confortado. Mas tinha dezassete anos e os melhores anos para dar à luz haviam passado. Estava absolutamente só.

E foi por essa razão que Simonetta di Saronno se interrogou se haveria um Deus. Se existisse, tê-la-ia destruído a este ponto? Teria separado duas criaturas tão enamoradas, cuja união fora abençoada na sua casa como um dos sacramentos?

Começou então a sentir medo. Não rezara uma única vez desde que Gregorio chegara. Se virasse as costas a Deus, afundar-se-ia decerto no vazio e enveredaria por esse outro caminho – o mais escuro de todos os caminhos. E, uma vez na eterna condenação do Inferno, nunca mais voltaria a ver Lorenzo. Seria uma sina pior do que aquela que suportava agora, pois somente a esperança de um reencontro longínquo no Paraíso lhe insuflava o sopro seguinte. Quando era feliz, rezava sempre ao ouvido da Virgem,

pois não conhecera Nossa Senhora o amor de um homem e a felicidade do matrimónio com José? Simonetta tomou uma resolução: iria ao Santuário de Santa Maria dei Miracoli no dia seguinte, a igreja dos milagres, e oraria à Virgem Bendita, pedindo consolação. Sim, seria realmente um milagre e nada menos lhe acudiria. Afastou as mãos da espada e da arma e abandonou finalmente a janela. Ajoelhou-se aos pés da cama para rezar o *Pater Noster* e depois, agasalhando-se na capa de veiro, deixou-se cair sobre a colcha da cama como se tivesse sido cerceada.